

**E AGORA, JOSÉ, A PESQUISA ACABOU?
O ESPAÇO-FRONTEIRA VISTO COM OUTROS ÓCULOS!**

Cleane Aparecida dos Santos¹

Resumo

Este artigo tem como recorte uma pesquisa de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação de uma universidade do interior do estado de São Paulo, constituída como uma pesquisa-ação estratégica realizada pela professora-pesquisadora, que lecionava para uma turma de alunos do quinto ano das séries iniciais. Após a conclusão da dissertação, a pesquisadora realizou uma experiência de leitura do texto, viu com “outros óculos” e produziu algumas reflexões na perspectiva do trabalho docente. Para esse trabalho, elegeu-se uma das subcategorias de análise denominada de “espaço-fronteira”. Nesta subcategoria, os alunos fotografaram os espaços da escola e produziram os seus registros escritos. Ao revisitar os diários de campo da pesquisa e os registros dos alunos, a pesquisadora pôde atribuir (re)significações para o trabalho docente.

Palavras-chave: Professor. Fotografias. Narrativas. Espaço-fronteira. Trabalho docente.

Abstract

This article is a clipping of a Masters thesis defended on the Post-Graduate Program of a university in the interior of the state of São Paulo, made of as a strategic research-action conducted by the teacher-researcher, who taught a group of fifth grade students. After the completion of the dissertation, the researcher carried out a text reading experience, viewed with "other glasses" and made some reflections on the teaching work perspective. For this work, one of the subcategories of analysis called "space-boundary" was chosen. In this subcategory, students photographed school spaces and produced their written records. By revisiting the research field journals and the students' records, the researcher could assign (re)meanings for the teaching work.

Keywords: Teacher. Photographs. Narratives. Space-boundary. Teaching work.

Refazendo um caminho: primeiras palavras

Minha atuação como professora dos anos iniciais do ensino fundamental, como formadora de professores e a inserção no Mestrado, bem como a sua conclusão, têm possibilitado que cada vez mais possa (re)significar a minha prática docente e consequentemente o trabalho com formação de professores. Acrescento também neste caminho percorrido, agora mais recentemente, a possibilidade de me inserir como docente do Ensino Superior, no qual o meu fazer pedagógico é misturado por todas as vivências

¹ Doutoranda em Educação e Mestre em Educação pela Universidade São Francisco/SP, pedagoga, com especializações em psicopedagogia e gestão escolar. Docente do curso de Pedagogia do Centro Universitário Padre Anchieta e também da educação infantil e das séries iniciais na rede municipal de ensino de Jundiaí-SP. E-mail: cleane.santos@bol.com.br.

anteriores e que o professor referência central deste processo para graduandas tem a tarefa de “viver” o que é ser professor, com a perspectiva de que a teoria e a prática se tornem de fato elementos que mobilizem o trabalho docente.

Refletir sobre a prática possibilita novas formas de “ver”, aprender e ensinar: como não há apenas uma metodologia para ensinar aos alunos, assim também ocorre na formação dos professores.

Isso nos remete a buscar alternativas para atendermos ou pelo menos nos aproximarmos das expectativas dos professores, especialmente em relação à atuação em sala de aula com vistas a pensar sobre a aprendizagem dos alunos, bem como a reflexão sobre a própria prática. Nesse sentido, esse movimento reflexivo sugere ao professor que ele transite pela zona de risco, possibilitando que a sua prática pedagógica mobilize para a transformação e que ele se sinta encorajado a arriscar mesmo que em algum momento se sinta pouco seguro. Desta forma, a zona de risco talvez seja uma das melhores formas de expressar a essência da prática pedagógica.

Para o presente artigo trago as fotografias e as produções escritas de alunos do quinto ano do ensino fundamental que os alunos produziram ao longo do ano, os quais revelam suas impressões sobre o espaço escolar. Juntamente com os registros dos alunos, apresento as reflexões sobre o diário de campo² da professora-pesquisadora durante a realização da pesquisa.

Parto do pressuposto de que considerar os escritos dos alunos para repensarmos a prática docente nos possibilitou a discussão da cultura de aula de matemática e, provavelmente, a ruptura de crenças construídas historicamente, além da possível produção de um repertório de saberes sobre o trabalho do professor.

Trata-se de um estudo que foi realizado com uma turma de 34 alunos do quinto ano das séries iniciais de uma escola municipal na cidade de Jundiaí/SP, no ano de 2009. O objetivo deste artigo é analisar como o registro dos alunos, aliado ao registro do diário de campo, fomentou repensar a prática docente e a pesquisa.

O texto foi organizado nas seguintes seções: alguns apontamentos iniciais sobre o trabalho docente e suas especificidades, revisitando os registros no qual trazemos o “espaço-

² Para situar o leitor, os registros do diário serão trazidos ao longo do texto entre aspas, nas notas de rodapé.

fronteira”³ como cenário para a reflexão da docência e da pesquisa, e as reflexões finais advindas deste processo.

Alguns apontamentos iniciais sobre o trabalho docente

O propósito deste texto é apresentar um breve recorte das análises decorrentes do “espaço-fronteira”, a partir da perspectiva do trabalho docente com base nos estudos de Gentili (2005), Tardif e Lessard (2011) e Yves Clot (2010).

A definição de trabalho docente é bastante plural e interpretada por vários pesquisadores no campo das ciências, tendo como, por exemplo, o viés sociológico, o histórico, o antropológico e mais recentemente os estudos de Yves Clot sobre ergonomia e clínica da atividade.

As pesquisas apontaram que o trabalho do professor é imerso por muitas especificidades, e especialmente pelas interações. Desta forma, resumidamente, Machado (2007, p. 93) revelou:

O trabalho docente consiste em uma mobilização, pelo professor, de seu ser integral, em diferentes situações de planejamento, de aula, de avaliação, com o objetivo de criar um meio que possibilite aos alunos a aprendizagem de um conjunto de conteúdos de sua disciplina e o desenvolvimento das capacidades específicas relacionadas a esses conteúdos, orientando-se por um projeto de ensino que lhe é prescrito por diferentes instâncias superiores e com a utilização de instrumentos obtidos no meio social e na interação com diferentes outros que, de forma direta ou indireta, estão envolvidos na situação.

Desta forma, o trabalho realizado pelo professor é atravessado por uma complexidade, e o que se tem constatado muitas vezes, nos momentos formativos, um descontentamento por parte dos professores, em relação especialmente às prescrições que os sistemas educacionais de forma vertical comumente elaboram e fazem chegar até a escola e que aos professores resta apenas cumpri-las incondicionalmente.

Pesquisa sobre trabalho docente ressalta a teoria do Capital humano (GENTILI, 2005). Acredita-se que se tratou de uma implantação de uma teoria engendrada por uma lógica neoliberal e de uma “promessa integradora”.

Partindo dessa teoria, observa-se que, ao mesmo tempo em que “oferece uma educação para todos” e a “garantia de emprego”, banalizam-se as ações. Paradoxalmente, há a

³ Espaço nomeado na pesquisa por acreditar que os pesquisadores e os professores em sala de aula se encontram muitas vezes na fronteira da escrita de seus trabalhos e também da prática pedagógica – a fronteira entre a pesquisa e a prática é inerente à pesquisa-ação estratégica, abordagem adotada na dissertação.

presença de um jogo de palavras, como, por exemplo: individualismo versus democracia, globalização versus sucateamento, mercadoria versus pessoas, enfim, a lógica imposta não propicia uma articulação saudável entre políticas públicas e trabalho docente.

Por meio da abordagem sociológica (FANFANI, 2007), apontam-se as interfaces que acometem o trabalho do professor. Uma delas está relacionada diretamente ao modo como as políticas públicas são pensadas. Os escritos revelam um “embate simbólico” com as mais variadas formas de controle.

A lógica capitalista entra pelo portão da escola sem pedir licença; assim, todos os que trabalham na escola, especialmente os docentes, convivem diretamente com ela. Ao mesmo tempo em que nos documentos oficiais prega-se a suposta coletividade, o próprio fazer docente é marcado muitas vezes por solidão, pois poucos são os espaços de partilha e de dar ouvidos e voz aos professores.

Uma questão a ser apontada, com base nos estudos de Oliveira (2007), é o alerta sobre o quanto a “autonomia” das escolas e dos professores pode sobrecarregá-los. Como a própria autora escreve (p. 367): “ao mesmo tempo que cresce a autonomia dos sujeitos, também cresce o controle sobre eles”. Assim, o discurso da escola da eficácia e da igualdade parece não resultar em boa combinação, pois nelas estão implícitas formas regulativas e de controle.

Dessa forma, a pretensão deste texto é trazer uma reflexão sobre o trabalho docente, mediada pelas fotografias realizadas pelos alunos juntamente com as narrativas deles, o diário de campo e o processo reflexivo da professora-pesquisadora após a conclusão da sua dissertação.

Revisitando os registros: o espaço-fronteira

Para situar o leitor, é necessário explicitar que este texto se originou da leitura da dissertação de Santos (2011)⁴ que culminou no livro recém-publicado intitulado *Aprendizagem em Geometria na Educação Básica: a fotografia e a escrita na sala de aula*⁵, produto de uma pesquisa-ação estratégica (FRANCO, 2005) realizada pela professora-pesquisadora. Durante a realização do trabalho, foram identificadas quatro subcategorias: espaço-controle, espaço leitura-escrita, espaço-sonho e espaço-fronteira. Concordamos com Najmanovich (2001), que defende que cada leitor pode traçar sua própria categoria ligada às experiências.

⁴ “Fotografar, escrever e narrar: A elaboração conceitual em Geometria por alunos do quinto ano”, defendida no ano de 2011, no programa de pós-graduação em Educação na modalidade Stricto Sensu da Universidade São Francisco. Disponível em: www.usf.edu.br.

⁵ Mais informações no site da Editora Autêntica (www.autentica.com.br).

O presente recorte para este texto tem como enfoque retomar os registros produzidos pelos alunos juntamente com as imagens do espaço-fronteira produzidas por eles e o diário de campo da professora-pesquisadora. Nas imagens produzidas, os alunos justificavam a escolha das cenas fotografadas. A professora-pesquisadora produziu seu diário de campo com suas observações e reflexões.

Ao revisitar os registros escritos da professora-pesquisadora, concordo com as ideias apontadas por Najmanovich (2001) no que tange à exploração da noção de “corpo da modernidade”, ou seja, o que nos atravessa e nos constitui.

Mas como emergiu esta subcategoria de análise? Quais os indícios para a criação do espaço-fronteira? O movimento de produção das fotografias dos alunos e das suas escritas e as análises que fizemos, bem como o diário de campo da professora-pesquisadora, propiciaram a criação desse espaço.

Esse espaço certamente permitiu suscitar reflexões, ações, medos, alegrias, certezas e muitas incertezas em relação ao caminho da pesquisa e permitiu repensar a prática em sala de aula. Certamente, criamos muitos mecanismos de resistência, a fim de escavar novas formas de pensar a aula de Matemática, rompendo com o pragmatismo destacado pelos filósofos da modernidade que se alicerçam na lógica cartesiana.

Destaco que nesse movimento constitutivo de realização da pesquisa acadêmica e, paralelamente, ao da docência, não há como desconsiderarmos o processo de trans(formação) da professora-pesquisadora. Trata-se de um movimento refletido de re(ver) o que nos move a desenvolver um trabalho em que as “certezas” são postas em xeque, seja pela ruptura sistemática dos modos de ensinar nos quais, na maioria das vezes, o professor é visto como detentor de saber e poder.

Acredito que os alunos também estiveram em vários momentos na fronteira para a execução de suas tarefas. Oportunizar que esses alunos saíssem a campo visando experimentar situações que propiciassem a elaboração de conceitos geométricos, utilizando como ferramenta a máquina fotográfica, e fazerem o uso da linguagem escrita nas aulas foi um desafio, sem dúvida. Sentimentos de medo, alegria, de certeza, incerteza e de responsabilidade se misturaram ininterruptamente. Para Najmanovich (2001, p. 35; grifo da autora),

Quando saímos do mundo positivista, as coisas deixam de ser objetos puros do mundo (físico e lógico) para ser “objetos da experiência”, não de experiência lógica abstrata, mas de uma experiência humana, de interação contextualizada, traspassada por nossa peculiar corporalidade, nossa linguagem, nossa cultura, nossa emoção.

A foto realizada pela aluna Nayara (Figura 1), com a tarefa de justificar a escolha, remeteu-nos ao espaço-fronteira.

Figura 1 – Espaço externo



Registro da estudante Nayara; 8 abr. 2009.

A aluna, no seu registro, escreveu: “Também pegou a natureza a bagunça do tio Gi que trabalha na escola” (r.a.⁶, 16 abr. 2009).

Ao observar a foto, percebe-se que se trata da área externa da escola. Nos arredores da escola e ao fundo aparece uma extensa área verde, e o que mais nos inquietou foi também a presença, ao fundo, da reforma da quadra e, no lado direito, o barracão improvisado pela zeladoria para guardar ferramentas. Vale destacar que na maioria das fotos realizadas do espaço externo da escola, a presença da quadra foi recorrente.

Estabelecendo uma aproximação com o contexto do movimento de produção das pesquisas acadêmicas, os pesquisadores também devem estar sempre num processo de “(re)significação”, ou seja, de construção e reconstrução de seus escritos, tendo claro que se trata de um *continuum* de provisoriiedades.

O barracão fotografado pela aluna metaforicamente sugeriu-nos a ideia de tentar organizar um contingente de ideias não muito claras que florescem todo momento durante o trabalho docente. Para Tardif e Lessard (2011, p.32),

Todo o trabalho humano consiste em manipular informações, construir uma representação do seu trabalho antes de e a fim de executá-lo. Todavia, os trabalhadores intelectuais não fazem mais que utilizar informações; essas constituem ao mesmo tempo o processo, a matéria e o resultado de seu trabalho.

⁶ Registro do aluno. Os textos dos alunos não foram editados.

Acrescento que, embora a foto mostrasse um dia ensolarado, a sombra refletida no chão remeteu-nos às incertezas presentes tanto em sala de aula quanto durante a pesquisa acadêmica. Na tentativa de aproximar o processo vivido pela professora-pesquisadora em sala de aula, trago o diário de campo⁷.

De acordo com os apontamentos do diário de campo da professora-pesquisadora, correr riscos se insere na ideia do incerto, da imprevisibilidade, ou melhor, explicitando, do arriscar-se, mas sem saber qual será o resultado.

Curiosamente, outra foto, produzida pela aluna Franciele (Figura 2), realizada com a mesma orientação de justificar a escolha da cena, possibilitou-nos muitas indagações.

Figura 2 – Sala de leitura



Registro da estudante Franciele; 7 abr. 2009.

Trata-se da sala de leitura da escola, que possui um grande acervo de livros de vários gêneros textuais, no entanto, não é possível que os alunos a utilizem, em decorrência de seu tamanho. A solução encontrada pela equipe gestora foi a construção de carrinhos móveis que carregam os livros, a fim de que circulem na escola e os alunos possam utilizá-los.

A aluna, ao justificar a sua escolha, escreveu: “Por fim escolhi essa foto por que toda criança merece ler e aprender brincando e lendo” (r.a., 16 abr. 2009). Estabelecendo uma conexão com a foto da sala de leitura, sabemos que os professores muitas vezes têm muitas dificuldades para gerir o tempo escolar e o quanto o processo de reflexão da prática e a

⁷ “Eu precisava buscar trilhar caminhos, arriscar, sentia medo, tinha muitas dúvidas e incertezas. Lembro-me de alguns debates no Mestrado e em uma das leituras de Borba sobre a zona de risco. Eu estava nela...”

formação do professor são essenciais. Para elucidar, trazemos o diário de campo.⁸ Outra foto também nos instigou bastante. Ela foi produzida pelo Grupo 2, cumprindo a tarefa de fotografar figuras planas.⁹

Figura 3 – Figuras planas



Estudantes do grupo 2; 20 out. 2009.

Nessa tarefa, o grupo produziu o seguinte registro durante a aula de Geometria: “A figura 2 é um corpo redondo, mas nós queremos dizer o mais importante que tem 2 bases circular” (r.a.; 29 out.2009).

A foto produzida e o registro mostraram como o grupo trouxe indícios de elaboração conceitual, já que a proposta se centrava no reconhecimento de figuras planas. Embora o grupo tenha fotografado um corpo redondo, a ênfase dada foi para a base, ou seja, o círculo, conforme a frase: “... mas nós queremos dizer o mais importante que tem 2 bases circular”.

Conforme aponta a fotografia, o relógio marcava próximo das 12 horas. Esse relógio está instalado na parede externa da cozinha, mais precisamente de frente para o pátio da escola, local em que é servida a merenda aos alunos. Acredito que ele é um sinalizador do tempo para todos, ou seja, tanto para os profissionais da escola que trabalham nos quadros de apoio quanto para os professores e alunos no momento do recreio. Para Escolano (2001, p. 43-44),

[...] o relógio incorporado ao edifício-escola é um organizador da vida da comunidade e também da vida da infância. Ele marca as horas de entrada na escola e de saída dela, os tempos de recreio e todos os momentos da vida da

⁸ “Preciso retomar todos esses textos assim que puder... Por que os alunos têm dado tanta atenção? Aprenderam a escutar, envolvem-se. Mas o tempo nos escapa... A sala de aula é um campo cheio de oportunidades tanto para alunos quanto para os professores.”

⁹ Na maioria das tarefas, os alunos trabalhavam em grupos. Os grupos foram enumerados para organização dos registros.

instituição. A ordem temporal se une, assim, à do espaço para regular a organização acadêmica e para pautar as coordenadas básicas das primeiras aprendizagens.

Para a professora-pesquisadora, tal horário revelou também a proximidade do horário de saída dos alunos, e isso pode ter várias conotações. Detenho a atenção para o tempo de aprendizagem dos alunos que parece escorrer pelas mãos, em virtude das demandas de que temos que dar conta em sala de aula. Para Tardif e Lessard (2011, p. 75),

O tempo escolar é constituído, inicialmente, por um continuum objetivo, mensurável, quantificável, administrável. Mas, em seguida, ele é repartido, planejado, ritmado de acordo com avaliações, ciclos regulares, repetitivos. Essa estruturação temporal da organização escolar é extremamente exigente para os professores, pois ela puxa constantemente para a frente, obrigando-os a seguir esse ciclo coletivo e abstrato que não depende nem da rapidez nem da lentidão do aprendizado dos alunos.

Os fragmentos dos diários de campo apresentados nas notas de rodapé e as análises no decorrer do texto, em virtude dos registros fotográficos e escritos dos alunos, contribuíram para pensar a complexidade do trabalho docente.

Sabe-se que romper com nossa trajetória formativa baseada em grande parte no ensino tradicional não é uma tarefa fácil; no entanto, é necessário correr o risco para tentar atravessar, ou aproximar-se da fronteira imposta pelo tempo, pelo cansaço, na superação de limites e, sobretudo, sustentar a efervescência da pesquisa acadêmica.

Desta forma, esse ponto de partida tecido durante a realização do trabalho e posteriormente na possibilidade de revê-lo aproximou-nos dos estudos de Najmanovich (2001). Acredito que nos tornamos nesse processo como “sujeitos encarnados”. Para essa autora:

Enfim, como todos os sujeitos encarnados, nossas categorias se desenvolvem na trama evolutiva de nossa vida, estão inseparavelmente ligadas à nossa experiência social e pessoal, às tecnologias cognitivas, sociais, físico-químicas, biológicas e comunicacionais com as quais convivemos. O desafio da contemporaneidade se relaciona com a riqueza de perspectivas e, por outro lado, de mundos possíveis onde conviver, mas também exige nos fazer responsáveis pelo lugar em que escolhemos fazê-lo. O sujeito encarnado desfruta do poder e da criatividade e da escolha, mas deve assumir o mundo que co-criou. (p. 28-29).

Reportando-nos à sala de aula, muitas vezes não conseguimos manter o que havíamos planejado, pois o movimento da sala de aula é imprevisível, conforme apontam Tardif e Lessard (2011, p. 43):

Ensinar, de certa maneira, é sempre fazer algo diferente daquilo que estava previsto pelos regulamentos, pelo programa, pelo planejamento, pela lição,

etc. Enfim, é agir dentro de um ambiente complexo e, por isso, impossível de controlar inteiramente, pois, simultaneamente, são várias coisas que se produzem em diferentes níveis da realidade: físico, biológico, psicológico, simbólico, individual e social, etc. Nunca se pode controlar perfeitamente uma classe na medida em que a interação em andamento com os alunos é portadora de acontecimentos e intenções que surgem da atividade ela mesma.

Neste sentido, o trabalho docente está permeado por muitas interfaces nas quais muitas delas são da ordem da imprevisibilidade; isso se deve ao fato de que o trabalho do professor requer em tempo integral a interação.

Com outros óculos... algumas conclusões!

E agora, José?
Sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio – e agora?

Escolhi este trecho da poesia *José*, de Carlos Drummond de Andrade, para fazer as conclusões e, intencionalmente, mais uma vez a ideia central é provocar outras indagações. O poema foi escrito num importante momento político brasileiro, durante o Estado Novo, em que Drummond de forma irreverente produz “versos soltos”, mas na tentativa de trazer à tona uma reflexão profunda do momento histórico vivido pelos brasileiros.

São muitos os professores que se encontram com o desafio da tarefa de ensinar, no entanto, possivelmente o trabalho mais brilhante sem saudosismo, pois o recurso material do trabalho docente é o ser humano, como disse Charles Chaplin no filme *O Grande Ditador* (1940): “Não sois máquinas! Homens é que sois!”

Desta forma, concebo que as nossas análises foram mediadas certamente pela visão ampliada do que é ser professora e da natureza investigativa do ato de pesquisar, que deve estar permeado pela continuidade dos estudos e reflexões.

Todo trabalho acadêmico deve trazer as respostas para aquilo que se pretendia investigar, no entanto, deve provocar e inquietar para a busca da produção de novos conhecimentos, e esse foi o propósito central deste texto.

Revisitar a caixa preta da prática docente e da pesquisa é tarefa indissociável neste processo. Propiciar rupturas, fissuras, escavar brechas e abrir as cicatrizes são tarefas que

demandam ora o pesquisador ora a professora na chamada “linha de frente”, e sabe-se que muitos deles às vezes optam por fugir dela.

Neste sentido, a retomada do texto da dissertação, especialmente do recorte em que a docência e a pesquisa foram postas em evidência, possibilita novamente sair da zona de conforto. Trata-se de uma espécie de repensar, revitalizar, remexer, reconfigurar, “ver com outros óculos” e reavivar um conhecimento que pode gerar um “novo” ou quem sabe um repensar o “velho” dilema que é o trabalho docente.

Reitero que, ao trazer essas espacialidades, buscamos dar vozes aos alunos e, acima de tudo, escutá-los para que eles pudessem, por meio das fotografias produzidas, expressar suas ideias, propiciar a movimentação do pensamento e do corpo, possibilitando aos alunos saírem da sala de aula, rompendo com os paradigmas do tecnicismo e da disciplinarização e possibilitando a leitura e a escrita sobre esse espaço e, conseqüentemente, a busca por significados.

Para a professora-pesquisadora, todas essas contribuições permitiram pensar sobre como a teoria pode contribuir na pesquisa acadêmica e no trabalho docente. A teoria ganha novos significados no momento da análise. Isso evidencia a importância da pesquisa do professor, pois é nos momentos em que este se debruça sobre os registros produzidos – por ele e pelos alunos – em busca de análises que a teoria ganha significado e possibilita novos olhares para a prática.

Viver no espaço-fronteira é viver momentos de tensão na duplicidade de papéis de professora e pesquisadora, e agora a possibilidade de compreender a complexidade do trabalho docente, isto é, da professora que tem um currículo a cumprir, as normas disciplinares, as relações tensionais entre os diferentes atores do cotidiano escolar e o compromisso ético com a aprendizagem dos alunos, em paralelo à atuação como pesquisadora, que precisa garantir a documentação da pesquisa, sem que essa atividade afete o compromisso da docência.

Por outro lado, essa fronteira tênue entre a docência e a pesquisa possibilita que a professora se desenvolva na sua ação docente, pois o estudo permanente e os novos olhares para a escola e seus atores contribuem para o seu processo de formação contínua.

Sem dúvida, o professor, ao assumir a postura de pesquisador, torna-se, na maioria das vezes, mais comprometido com o ensino e a aprendizagem dos alunos. Finalizo aqui e deixo o convite para novas releituras e, quem sabe, “outros óculos”!

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *José/ Novos Poemas/ Fazendeiro do ar*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

CLOT, Yves. *Trabalho e poder de agir*. Trad. Guilherme J. F. Teixeira e Marlene M. Z. Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010. (Série Trabalho e sociedade).

ESCOLANO, Agustín. Arquitetura como programa. Espaço-escola e currículo. In: VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 19-57.

FANFANI, Emilio Tenti. Consideraciones sociológicas sobre profesionalización docente. *Educación & Sociedad*. Volume 28, n. 99, p. 335-353, maio/ago.2007.

FRANCO, Maria Amélia S. Pedagogia da pesquisa-ação. *Educación e Pesquisa*. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

GENTILI, Pablo. Três teses sobre a relação Trabalho e Educação em tempos neoliberais. In: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D.; SANFELICE, J. L. (Org.). *Capitalismo, trabalho e educação*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 45-59.

MACHADO, Anna Rachel. Por uma concepção ampliada do trabalho do professor. In: GUIMARÃES, A. M. N.; MACHADO, A. R. *O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas: Mercado de Letras, 2007, p. 77-97.

NAJMANOVICH, Denise. *O sujeito encarnado: questões para a pesquisa no/do cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. Política educacional e a re-estruturação do trabalho docente. *Educación & Sociedad*. Volume 28, n. 99, p. 355-375, maio/ago.2007.

SANTOS, Cleane Aparecida dos. *Fotografar, escrever e narrar: a elaboração conceitual em Geometria por alunos do quinto ano do ensino fundamental*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade São Francisco, Itatiba/SP, 2011. 185 p.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Petrópolis: Vozes, 2011.